



## RAQUEL DE OLIVEIRA

ROCINHA

---

Raquel nasceu em 1961, porém descobriu-se poeta somente em 2005. Pelo sonho de se tornar professora, acabou se formando em Pedagogia e se apaixonando pelas palavras, o que a revelou escritora e poeta. Através da sua poesia, Raquel diz traduzir seus sentimentos pelo mundo. Nela, encontrou uma nova forma de viver através da sua paixão por escrever.

Desde 2013, participa da Festa Literária das Periferias e tem como objetivo quebrar preconceitos e estimular a troca de conhecimentos. Para Raquel, a FLUP abriu as portas do seu pensamento como escritora. Em 2014, lançou seu primeiro livro "Só por Poesia". Em 2015, publicou seu primeiro romance chamado "A Número Um", que já tem contrato assinado para virar filme. Em 2016, o seu conto "O Uniforme" da coletânea "Eu me Chamo Rio" foi publicado na França. Atualmente, Raquel está preparando o seu segundo romance.

# UM LUGAR ONDE NUNCA ESTIVE A ILHA DESCONHECIDA

Raquel de Oliveira

*Pedi-me um professor que continuasse Saramago no conto "A Ilha Desconhecida". Temi! Como dar continuidade à obra de um mestre tão divinhal? Então, entrando em minha alma, Saramago falou comigo: "Os bons e os maus resultados dos nossos ditos e obras vão-se distribuindo, supõe-se que de uma maneira bastante uniforme e equilibrada, por todos os dias do futuro, incluindo aqueles, infundáveis, em que já cá não estaremos para poder comprová-lo, para congratularmo-nos ou para pedir perdão, aliás, há quem diga que é isto a imortalidade de que tanto se fala". (José Saramago)*

Zarpavam à tardinha. Navegavam nas asas de um amor que desconheciam.

Ela acreditando. Ele confiando.

E assim foram em busca da Ilha Desconhecida. Aquela que ninguém acreditava existir. Onde os campos eram fartos. Sempre verdes. De seara madura, sempre pronta para a colheita. Onde os visitantes seriam saudados por pássaros canoros com plumagem de cores divinais.

A caravela saberia onde encontrá-la, pois seria guiada pelo Vento do Norte. O vento da prosperidade. O vento da bonança e da esperança. O vento bom, que traz terra à vista.

O fato de serem a única companhia um do outro tornaria a jornada prazerosa - sim, estavam profundamente apaixonados. Enfim se enxergaram. Homem e faxineira! Juntos, na mesma busca: a verdadeira identidade!

O homem insistia em alcançar seu objetivo, desejava encontrar a ilha. Sabia que ela existia, assim como sabia que o mar é tenebroso. Apenas não a conhecia, mas quando chegasse a ela sairia de si e saberia quem realmente era! Às vezes é necessário sair da ilha para ver a ilha! Assim como não nos vemos se não sairmos de nós mesmos!

Os dois conversavam enquanto comiam a comida que o homem havia trazido, mas depois acharam melhor dormir. Desta vez sabia como encontrar a faxineira. Estavam próximos agora. Dividiam o mesmo sonho e, debaixo das estrelas, sob um mar manso e suave, deitaram nos braços um do outro. Dormiram olhando o Firmamento e admirando a lua que, cheia, cobria tudo com sua claridade, servindo como cobertor. Sua luz aquecia os sonhos que teriam nessa noite. O manso balanço embalava os amantes, trazendo o sono mais tranquilo e os sonhos mais doces.

O calor gostoso do sol da manhã acordou-os, trazendo a realidade como companheira de viagem. Lembraram que a observação atenta era muito importante para que sobrevivessem àquela turbulenta travessia.

Sabiam que os suprimentos acabariam. Poderiam morrer à míngua. Contavam até aquele momento com a sorte dos marinheiros de primeira viagem. É só por falta de experiência que não temem o mar e o veem como uma estrada feliz e segura. Se o mar fosse colhido por uma tempestade ou o vento mudasse, ou a chuva caísse pesada... o que seria deles?

Puseram-se, então, a observar tudo em volta, na expectativa de qualquer detalhe que anunciasse terra. Nada mais importava! A sobrevivência latejava e insistia, exigindo cuidado! O medo de morrer os movia!

O sol já ia caindo no horizonte quando um grupo de gaivotas chamou a atenção do homem. Seguiriam os pássaros e certamente encontrariam terra firme. Qualquer que fosse! O homem do leme sentiu alívio pois, agora, algo mais importante clamava dentro de si! Deveria proteger a faxineira! Isso era mais importante que tudo agora! Proteger a mulher amada! Colocá-la segura, abrigada, amparada! Percebia como suas necessidades mudaram. Seus interesses eram outros. Olhava-a com ternura! Admirava-a! Sua coragem, sua gentileza, sua beleza. Tudo o fascinava. Precisava encontrar terra. A Ilha Desconhecida já não era tão desesperadamente importante!

Pouco a pouco o manto negro da noite engolia a luz do sol. As estrelas brotavam repentinamente no céu, como flores na primavera. E o medo dos viajantes acompanhava seu desenrolar até que a lua surgiu alaranjada no horizonte escuro, imponente e senhora de si como um orixá.

A lua alta lançava sua sombra sobre o mar, como uma grande mancha ameaçadora. À sua volta pairava uma neblina densa, impedindo completamente a visão. Porém, sua silhueta trazia a paz de volta ao coração do homem do leme, que depois de tanta perturbação voltou a acreditar em dias melhores. Havia alívio no olhar que trocaram quando decidiram ancorar.

Decidiram que só iriam desembarcar quando os primeiros raios de sol anunciassem um novo dia. Seria um belo dia! Deitaram-se lado a lado. Não precisariam sonhar naquela noite. O sonho havia se tornado realidade e esperava lá fora, tão logo o sol surgisse. A Ilha Desconhecida estava lá, esperando. Homem e faxineira descansariam, afinal! Quando desceram da caravela, a ilha se apresentava com toda sua elegância, desafiando-os. O homem percebeu que o terreno era inóspito. Íngreme! Pedregoso! Vegetação parca, e em nada parecia-se com sua ilha tão sonhada. A faxineira, acostumada com as decepções da vida, nada dizia. Olhava disfarçadamente para o homem, amando-o mais ainda! Admirando sua coragem! Desapontado, ele nada percebia, mas aprovava o apoio da companheira. Ambos se sentiam ameaçados pelo desconhecido. Mas qualquer coisa seria melhor do que morrer de fome e sede no meio do mar.

Descortinaram um morro, sobre o qual pequenas habitações se penduravam, como que suspensas no ar. A arquitetura fora do comum o fez pensar em um poder superior. Esse poder superior é que deveria sustentar, com suas mãos poderosas, aquelas construções tão frágeis!

De onde estavam, podiam ver o movimento das pessoas e uma construção em volta do morro. Uma fortaleza construída com pedras. Com grandes portões de madeira. Parecia ser o castelo do Rei.

Os dois viajantes atravessaram seus portões andando devagar. Olhavam tudo em volta e só uma pergunta dominava os seus pensamentos: aquela era a sonhada Ilha Desconhecida? Cheia de habitantes incomuns? Um misto de alívio e curiosidade se apossava de seus corações!

Conforme avançavam, a estranheza os incomodava, parecia que estavam invisíveis. Apurando mais o olhar, puderam perceber que a população que estava trabalhando, indo e vindo com balaios nas costas, era de cegos. Eram todos cegos! Não podiam vê-los! Isso era assustador! Parecia um grande formigueiro! Formigas cegas! O homem interpelou uma das pessoas, que se assustou com o toque. Gritando, chamou a atenção dos outros cegos, que logo se aglomeraram em volta deles. O homem pediu para ver o Rei do lugar. Os moradores ali reunidos o levaram até o Rei, que os recebeu curioso.

Foram tratados com deferência, pois eram os primeiros visitantes da Ilha Desconhecida. Prepararam um grande jantar, para o qual toda a corte foi convidada. Todos estavam curiosos, querendo saber a razão da visita dos navegantes.

O rei contou-lhes a história do lugar. Disse que a ilha era um refúgio. Os cegos que moravam ali tinham sido segregados em seu local de origem. Tinha sido lançados ao mar para morrer. Aquela sociedade foi criada pelos poucos que resistiram à travessia, pelos que conseguiram chegar vivos. Adaptaram-se ao local, construíram suas casas e criaram estratégias de sobrevivência. Fazia três séculos que tinham chegado à ilha, na qual podiam viver de maneira que sua deficiência não causasse impedimento ao desenvolvimento de sua descendência e de sua comunidade. Criaram recursos para acolher a nova geração que, como o homem do leme pôde constatar, não conhecia outra realidade.

O homem ficou muito triste consigo mesmo. Sentiu até vergonha! Desperdiçara grande parte

da sua vida procurando a si mesmo e ali, bem na sua frente, uma sociedade de cegos havia encontrado meios para sobreviver com uma dignidade que ele próprio jamais encontrou para si. Viviam felizes e nem se davam conta do que nunca tinham visto. Isso realmente não importava. Bastavam-se com a realidade que haviam criado para si, para os seus. A busca pelo verdadeiro "eu" não tinha significado nenhum para aquelas pessoas. Estavam satisfeitos. Isso foi um choque para o navegante!

Deram a palavra para o homem do leme. Quando ele começou a contar sua história, ela já não lhe parecia tão relevante. Contou os detalhes que os levaram até a ilha. Abraçado à faxineira, apresentou-a como sua. Dividiu seus anseios, seus medos, as angústias que nortearam a viagem, a busca desesperada pela Ilha Desconhecida. Um misto de estranheza e frustração o invadiu ao perceber que seu relato não empolgou seus interlocutores.

Seu instinto ainda não sossegara! Sentia um certo desconforto. Como que uma ameaça pairando no ar. Apesar de cegos, aquelas pessoas viviam muito bem. Tudo ali mostrava uma certa fartura, um determinado conforto que não combinava com o ambiente lá fora. E eles ali, a corte, usavam vendas pretas nos olhos. Era o que os diferenciava dos demais. Dos plebeus!

O jantar continuou e o homem ficava cada vez mais intrigado! Observando os serviçais, via claramente que, embora cegos, movimentavam-se com desenvoltura. A faxineira observava seu homem. Gostaria de ler seus pensamentos. Sentia-se insegura ali! Aparentemente, não havia nada que pudesse ameaçá-la, mas mesmo assim algo lhe dizia que tinha que permanecer atenta, desconfiada. Abraçou-se ao homem do leme com tanta força que ele a olhou suavemente, tentando acalmá-la. Agora, bastava um olhar e entendiam-se perfeitamente. Quando o jantar terminou, foram convidados para pernoitar no castelo, mas preferiram voltar para a caravela. Dormiram aquela noite sob as estrelas, em terra firme. Seus corações continuavam sentindo o doce balanço do mar. A faxineira entregou-se ao sexo como jamais havia feito - nem com ele nem com os outros homens que conhecera antes dele! Amaram-se como se fosse a última vez!

Aparentemente tudo ia bem. Mas seus corações e instintos diziam outra coisa!

Quando amanheceu resolveram conhecer a ilha. O Rei deixou-os à vontade para ver tudo o que quisessem. O homem gostaria de encontrar um paradeiro para si e para sua amada. Poderiam ser felizes ali? E a busca? Conversavam enquanto andavam. Decidiram que se as condições do lugar permitissem, ficariam. Parecia que a procura de ambos terminaria na Ilha dos Cegos.

Conheceram as pessoas. Todos queriam compartilhar. A cidade de casebres dependurados sobre o morro gritava, chamando-os. E foram....

Era um emaranhado de caminhos confusos. Íngremes. Em cujas encostas casinhas tristes, habitações frágeis, feitas de uma mistura de barro e folhas, se equilibravam a custo. O conjunto dava a impressão de um asilo com velhas desamparadas e inválidas, se encostando e se aquecendo umas nas outras.

Era uma cidade à parte. Tudo muito simples mesmo. Muitos moravam ali. Famílias grandes. Muitas crianças. O contraste com a parte baixa incomodou o homem. Contou sua história. Foram muito bem recebidos pela população, mas foi nítida a apreensão com que reagiram quando o casal demonstrou interesse em morar ali. Disseram-lhes então que só poderiam se instalar ali com o consentimento do dono do morro. O homem e a faxineira se entreolharam curiosos. Dono?

Um dos moradores se ofereceu para levá-los até o patrão. (Sim, patrão! Era assim que chamavam o dono do morro.)

Ele morava num casarão na parte mais alta do morro. Era uma construção sólida. Feita de madeira boa. Em nada parecida com as outras. Portões altos, que se abriram assim que chegaram. Dentro, um grande pátio e muitos homens tomavam conta do lugar. Estavam armados e não eram cegos. O patrão os recebeu dentro da casa. Num grande salão, no centro do qual estava a poltrona na qual o patrão os esperava com uma venda nos olhos. Mas o homem já estava desconfiado dos que usavam as tais vendas e, reparando nos movimentos, percebeu que eram diferentes, mais desenvoltos. Menos limitados. Depreendeu que as pessoas de venda tinham algum grau de visão. E concluiu: eram elas que dominavam a ilha. Era isso que ele sentia incomodar. Ali, na ilha, os cegos, mais precisamente no morro, eram todos escravos. Sentiu o sangue gelar!

Temeu por sua companheira! Olhou-a de soslaio e percebeu que ela compreendera tudo, assim como ele. Entreolharam-se. Nesse encontro já estava marcada a decisão de, a qualquer sinal de perigo, saíriam dali juntos, fosse como fosse. Não atravessaram o mar, enfrentando a morte, para sucumbirem ali, naquela ilha, na mão de ladrões de liberdade e de sonhos!

O patrão ouviu friamente o relato dos navegantes. E decretou friamente: se quisessem ficar ali teriam que abrir mão dos seus olhos.

Como assim abrir mão da visão? - perguntaram.

Qualquer dúvida que ainda tivessem foi dissipada com a aproximação de um dos guardas, trazendo um ferro em brasa. O casal se abraçou e pediu humildemente que os deixasse ir embora. Continuariam a busca pela Ilha Desconhecida. Aquela que realmente iria acolhê-los.

- Se é assim, quero que deixem a ilha ainda esta noite - ordenou o patrão, levantando-se da poltrona.

- Amanhã de manhã, não quero ver nenhum vestígio da passagem de vocês por aqui!  
O patrão saiu sem olhar para trás.

O homem e a faxineira foram conduzidos para fora do casarão e escoltados até a saída da cidade. No caminho até a praia nenhuma palavra. Caminhavam abraçados. Apoiados um no outro. Não só os seus corpos, mas seus corações, estavam mais juntos do que nunca!

Enquanto preparavam a caravela para zarpar foram envolvidos por um misto de alívio e medo. Ainda não tinham coragem de falar palavra alguma. Só a pressa os movia. Precisavam urgentemente de suprimentos e água, pois não sabiam quanto tempo passariam no mar.

A noite já ia alta, estava tudo pronto para a partida. Sentaram-se para comer e armazenar energia para a viagem. Ouviram então um chamado que vinha de fora. Da praia. Era um grupo de cegos pedindo para subir a bordo. O homem jogou a escada, todos subiram e foram até a cabine para explicar a razão da visita. O grupo era formado por duas mulheres e quatro homens já maduros. Um deles explicou ao homem do leme e à faxineira que eram escravizados e vendidos a outras ilhas. Trabalhavam nas terras do rei e plantavam uma erva que era muito popular em outras ilhas, que o dono do morro comercializava do outro lado da ilha. Era sócio do Rei. Chegaram há muito tempo com uma tripulação de piratas e dominaram tudo, escravizando o povo. Quem não obedecia, morria!

O homem do leme explicou que entendia bem o que eles estavam passando, mas se surpreendeu quando um dos cegos lhe perguntou se poderiam ir juntos. O casal se olhou e mais uma vez seus olhos conversaram. E naquele momento entenderam o que tinham ido fazer ali. Entenderam que a viagem continuaria.

- Sim - anuiu o homem do leme.

O cego saiu e sacudiu os braços no ar. Começaram a aparecer diversas pessoas saídas do mato. Todas iriam naquela viagem. O grupo era grande. Havia crianças, homens jovens, adolescentes e mulheres videntes, além de um grupo de cegos de todas as idades. Agora o homem do leme e a faxineira riam. Todos riam com eles, entendendo que estavam juntos no mesmo propósito! Partiriam em busca de uma vida melhor!

E a caravela partiu. Dessa vez, com tripulação. Embora, partissem rumo ao desconhecido, a viagem tinha novo objetivo! Aquele destino percebido pelo homem do leme muito antes de aportar na Ilha dos Cegos. O mesmo destino que a faxineira também buscava, desde o começo da viagem! O que os cegos e todos os habitantes daquele lugar que tiveram coragem de embarcar queriam. Viam agora! Viam que o ser humano vive de buscas, de sua curiosidade infinita. O homem do leme olhava sua tripulação com orgulho! Iam em busca da Ilha Desconhecida que, agora, era bem conhecida de todos ali! Habitava dentro de seus corações e se chamava liberdade! Partiam em busca da verdadeira liberdade! Da Ilha da Liberdade!

---